

Processos do Plano Museológico: A experiência de seu planejamento e construção.

Paula P. Ferreira  
Museu Catavento - São Paulo, janeiro. 2020

## **Introdução**

O Plano Museológico tem como finalidade espelhar a missão, visão, objetivos, ações voltadas dos programas e estratégias a serem alcançadas de um Museu. Tais pontos são permanentemente discutidos no meio museológico, porém os diversos caminhos que nos são abertos durante todo processo são poucos explorados. Sendo assim, o propósito desse artigo é justamente levantar pontos que foram discutidos em toda trajetória, cada metodologia utilizada e experiências adquiridas.

Apesar de se apresentar como artigo, não o entenda como documento que vai trazer apontamentos acadêmicos ou até mesmo especificamente técnicos, ele tem como finalidade compartilhar experiências, proporcionando reflexões sobre como os processos museológicos podem ser diversos e como toda a trajetória pode proporcionar uma vivência profissional única.

No ano de 2018 o Museu Catavento tinha como meta realizar seu Plano Museológico. Sua primeira iniciativa foi a contratação de uma nova museóloga que pudesse realizar tanto as atividades já previstas, como na elaboração do Plano Museológico. Foi neste momento que fui contratada para realizar o Plano com a total liberdade para escolher as metodologias a serem aplicadas para sua elaboração. Logo no início entendi que precisaria me basear em Planos já realizados, porém com objetivo de construir um único e que pudesse trazer a diferença que a instituição carrega perante as demais.

A partir desse momento realizei um planejamento de execução que contava com as seguintes etapas do processo:

### **1. Escolha de outro autor(a)**

Nesta etapa já havia entendido que apesar de manter meu posicionamento, precisaria focar na elaboração do Plano de forma justa, evitando qualquer apontamento que pudesse influenciar, porém pertencendo a equipe interna da

instituição, o que de certa forma contribui para trazer mais detalhes, porém limita no olhar mais amplo, desta forma busquei outra profissional que pudesse trazer o olhar crítico externo, contribuindo para um trabalho mais completo.

A profissional escolhida foi Luana Damião, bacharel em museologia e com mestrado em comunicação, naquele momento entendia que suas experiências poderiam me ajudar, pois além de também ser museóloga, ela tinha em sua bagagem a preocupação da comunicação aplicada no meio, tudo o que eu estava querendo focar naquele momento.

Compreendendo que o Plano serviria para que todos pudessem conhecer ainda melhor o Museu Catavento, relatando sua trajetória, seus obstáculos, apresentando seus progressos chegando até em seus objetivos futuros. Neste sentido sentia necessidade que fosse um documento que pudesse ser acessível, não só na sua forma de divulgação, mas também em sua linguagem, ou seja, naquele momento contava com a Luana para encontrar um caminho que pudessemos contar todo roteiro de forma simples, mas ao mesmo tempo completo e didático.

## **2. “Conscientização do Plano museológico**

O primeiro e grande passo, foi sem dúvidas conhecer a equipe e trazê-los para a composição do trabalho. Para isso foram necessárias algumas reuniões, realizando o primeiro contato. Neste processo aplicamos um questionário que levantasse algumas questões como “pontos fortes e fracos que você vê dentro da instituição?; qual sua função?; o que você gostaria de fazer de diferente?...” entre outros. Durante essa atividade vi a necessidade em realizar uma ação que pudesse contribuir com o meu objetivo de conscientização, para isso realizei com apoio da equipe do Programa de Acervo, o “Encontro de saberes”. Esse encontro tinha como finalidade trazer a cada trimestre um representante de alguma instituição museológica, que pudesse compartilhar as atividades realizadas, trazendo novos olhares sobre assuntos que também são discutidos no Catavento. Entendida naquele momento que esta ação poderia definir novas estratégias e que a instituição poderia realizar trocas de experiências.

Nesta altura, o modelo a ser seguido no Plano já pegava forma, porém ainda sentia necessidade da participação continua da equipe, as reuniões continuavam, mas com novas discussões, mais amadurecidas e graças ao Encontro trazendo novas ideias, ou seja, via ao mesmo tempo uma construção de “quem era o Museu” e no que ele estava se tornando.

Durante as discussões surgiram os planos e políticas que vinham sendo elaboradas por cada programa, nesse momento vi uma nova oportunidade de construção para o Plano. Durante os próximos seis meses me dediquei a contribuir com os responsáveis de cada Programa na elaboração das documentações e neste período conseguimos construir em conjunto novas ferramentas de gestão de cada área, definir a missão que cada um carregava e criar novas estratégias.

Apesar de reconhecer como a etapa mais difícil em todo processo, confesso que foi a que mais me fez refletir no impacto que este trabalho estava resultando no dia a dia. Por isso aproveitei essa chance de agradecer por cada membro da equipe que me ajudou, apesar de ter sido a responsável pelo Plano, toda sua composição teve várias mãos, vários olhares e muita dedicação.

Também tive a oportunidade de entender melhor sua gestão, como a governança lidera suas ações e aprendi muito como o meio administrativo, econômico quando alinhados com a missão do Museu, podem funcionar de forma colaborativa.

A gestão é formada por dois grandes gestores, ambos com experiências voltadas ao meio administrativo e econômico. Após os relatos deles, pude perceber o grande esforço no começo para compreender como “fazer dar certo”, áreas tão distintas, mas ao mesmo tempo tão compatíveis.

Sergio Freitas, fundador do Museu e atual Presidente do Conselho da Organização Social Catavento Cultural e Educacional, atual gestora do Museu Catavento, compartilha de ideias voltadas a preocupação da sustentabilidade econômica, social e cultural que o Museu precisa para sobreviver. Um gestor incansável, que está pronto para novas ideias, estando numa mão sempre um gráfico econômico do país e no outro um novo projeto para implantar no Catavento. De outro lado temos o Diretor Executivo Alberto Lima, um gestor sempre focado em cada detalhe, tem como característica em sua forma de gestão ouvir e procurar soluções em conjunto. Sempre preocupado com a imagem do Museu, procura em

todo momento tornar visível cada iniciativa desenvolvida, focando na importância das informações serem compartilhadas, o que resulta em respostas imediatas sempre reconhecendo e parabenizando cada ação conquistada.

Com as características expostas dos gestores é fácil de compreender os caminhos escolhidos que foram trilhados durante os anos e como a instituição se posiciona no meio museológico.

Agradeço também por terem apoiado em todo processo, confiando no meu trabalho e sempre dispostos a colaborar com o que fosse preciso.

### **3. Apresentação da instituição para o apoio externo**

Após todo levantamento e diagnóstico, foi o momento de ouvir o outro lado, neste caso o lado de “fora”. Neste próximo passo, entendi que precisaria me conectar com as instituições vinculadas ao Museu, desde a própria Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo como representantes de ONGs, visitantes, lugares ao redor e até mesmo pessoas que nunca haviam frequentado o Museu para compreender os diferentes olhares.

Esse processo exigiu grande esforço em buscar por diversas opiniões, algumas foram mais fáceis pelo contato ser mais frequente e por ter uma identificação entre ambos, mas em outras obtive poucas respostas ou até mesmo nenhuma, o que também resultou em pontos relevantes.

Logo consegui perceber que a conexão entre o Museu e o seu arredor contém muitas problemáticas. Muitos pontos foram levantados começando pela falta de segurança, passando por ser uma região comercial e indo de encontro com a não identificação que a comunidade tem com espaços culturais. Neste momento foi preciso um estudo mais aprofundado, passando por questões sociais, culturais e até mesmo econômicas.

É nítida a frustração por parte da instituição de não conseguir avançar nesse contato, apesar de ter excelentes iniciativas em realizar parcerias com outras instituições culturais, universidades, quando o assunto é contato com a região isso se torna mais complexo, o que exigiria uma participação conjunta com outros departamentos do governo, o que a anos se vem tentando, porém com poucos resultados.

#### **4. Dar feedback a UPPM**

Tivemos algumas reuniões durante toda elaboração, em todas tivemos o apoio do comitê da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM) responsável por avaliarem os Planos Museológicos elaborados pelos equipamentos pertencentes ao Estado. Muitos conselhos foram nos dados e a troca de informações referente ao processo e das metodologias utilizadas foram muito importantes para que ambos pudessem caminhar juntos para encontrar a melhor maneira para sua apresentação.

As ferramentas utilizadas para expor cada passo dado, foi através de apresentações em slides, cada uma mostrava o objetivo traçado e cada resultado obtido, sempre deixando espaço para que novas ideias pudessem ser sugeridas.

Aproveito a oportunidade para agradecer também a Unidade pela colaboração e apoio em todo processo, apesar de avaliarem de forma técnica, em muitas ocasiões se abriram para compreender além do estava se buscando, compartilhando experiências e confiando em todo trabalho apresentado.

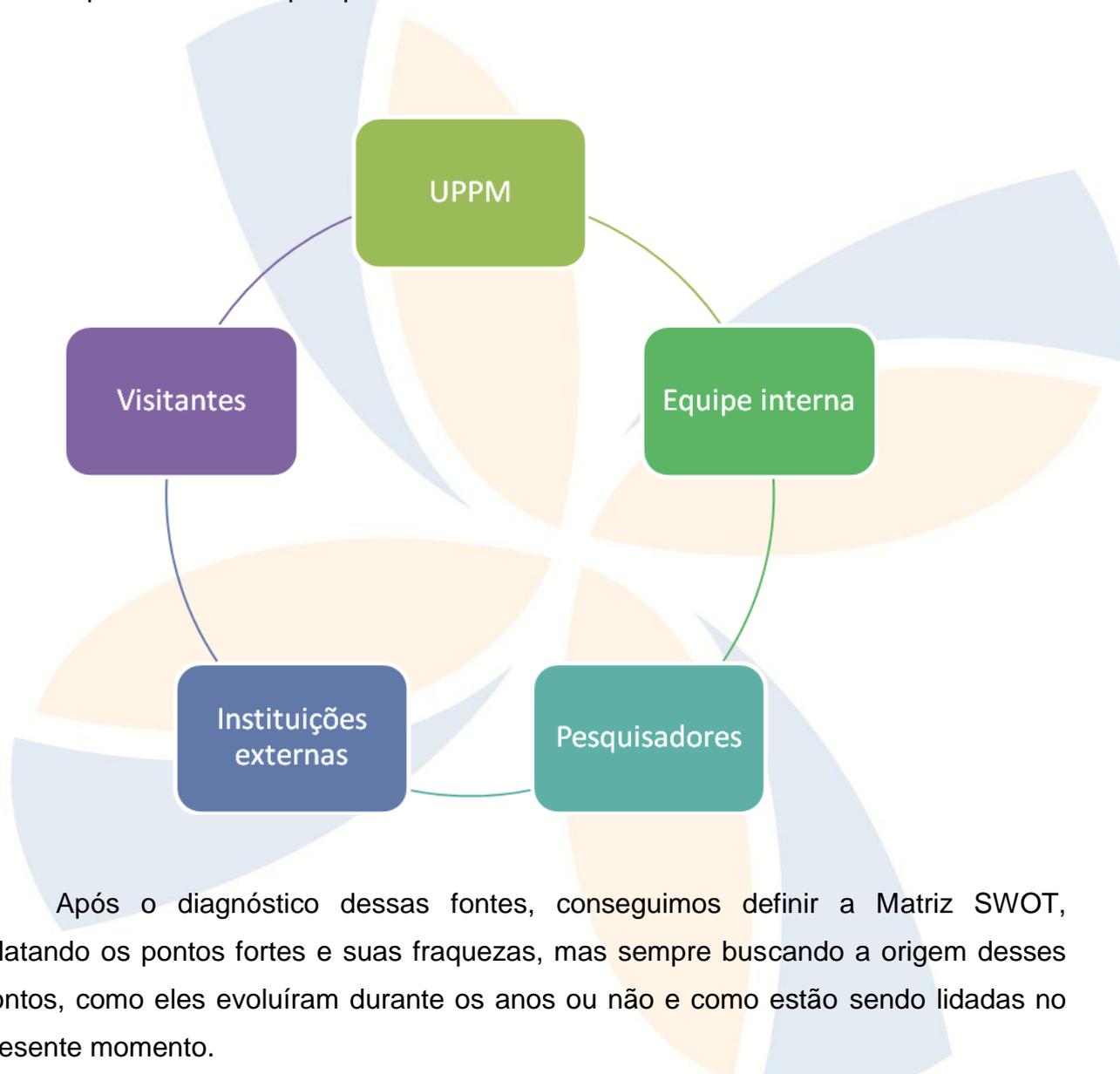
#### **5. Montagem do corpo do Plano Museológico**

Como em todo processo de criação de um Plano Museológico, é necessário buscar referências que possam dar embasamento à sua construção. Confesso que foquei muito mais em construir uma linha de raciocínio por pontos discutidos por profissionais de diversas áreas, do que em artigos ou produções específicas. Nomes como Maria Cristina Bruno, Mario Chagas e Marília Cury foram os quais me baseei, talvez por seguirem pontos mais específicos que queria avançar. Portanto as linhas museológicas já estavam definidas, queria seguir raciocínios ligados as teorias levantadas por eles.

Depois precisava definir o modelo que o Plano iria seguir, confesso que apesar de ter visto diversos Planos Museológicos já realizados no Brasil e de extrema qualidade, após pesquisar alguns Planos do modelo britânico, observando a forma que organizam seus conteúdos, entre os quais posso destacar o The Science Museum, acabei optando por seguir alguns critérios adotados pelos mesmos.

Após optar pela estratégia que iria seguir para organizar os conteúdos a serem inseridos, eu e a Luana, ordenamos todos os conceitos levantados, discutimos sobre alguns pontos do Museu Catavento citados por artigos por diversos pesquisadores e

com temáticas diversas inseridas. Ou seja, neste momento conseguimos completar todos os pontos a serem pesquisados.



Definida a Matriz SWOT, lemos os Planos e políticas produzidas pelos programas e entre outros documentos gerados ao longo dos anos. A partir daí, conseguimos definir as missões, objetivos e ações que realizam, buscando fidelidade as suas realidades e seus desejos a serem alcançados.

Outro tema que precisaríamos mencionar era o que realmente é o Catavento. Com características distintas aos demais equipamentos brasileiros, que discorre de temas ligados ao meio científico, porém num espaço cultural de forma interativa. Para isso foi necessário buscar outras instituições que dispõe das mesmas particularidades.

Nesse sentido buscamos primeiro contar uma breve história de como surgiram os museus de ciências, e depois como surgiram os museus de ciências interativos. Para nossa surpresa vimos os mesmos preconceitos sofridos pelo Catavento, perante aos outros museus ao redor do mundo, por também apresentarem uma dinâmica diferente em suas exposições, abraçando a ideia do museu ser um espaço divertido, porém apresentando conteúdos científicos, proporcionando uma experiência diferente com sua coleção, estimulando o seu visitante a tocar e interagir com seus equipamentos e trazendo a tecnologia como ferramenta a ser explorada.

Abro aspas para uma colocação importante, muitos são os debates em torno dessa nova metodologia museológica, de expor seus conteúdos e de se comunicar com o seu público. Partindo primeiro pelo próprio público, que no primeiro momento enxergava como um espaço voltado apenas para as crianças, por ser interativo, já que culturalmente o brasileiro não é acostumado em vivenciar espaços que propiciam uma experiência divertida com interações voltadas a adultos (alias essa é uma das metas que o Programa de Comunicação do Catavento pretende avançar). Por outro lado temos o meio museológico, que se divide em duas opiniões: a primeira que abraça a causa, entende que os museus precisam estar em constante movimento, trazendo novas práticas, caminhando em conjunto com sua época explorando novas formas de interatividade e por outro existem profissionais que acreditam que eles precisam se manter com suas coleções de forma mais contemplativas, desenvolvendo meios para sua interação, porém sem explorar suas coleções de forma mais “participativa”, se preocupando apenas com sua conservação.

Deixo aqui minha opinião a respeito dessas colocações, primeiramente ambas foram extraídas desde conversas de corredores, até em oportunidades que pude apresentar o Catavento em congressos e abri para debate a respeito de sua função no meio museológico. Segundo, obviamente o meio não se divide apenas em duas opiniões como expus, existem muitas variantes de profissionais com diversos olhares, porém quis expor essas duas que foram as que mais se destacaram nos debates já discutidos. E por fim, sim levanto e sempre levantarei a “bandeira” que os Museus são lugares a serem explorados de formas diversas, o que não exclui a segunda visão como sendo errada, mas apenas mais uma entre tantas e que deve ser respeitada e refletida com muita atenção. Sendo assim, fecho aspas para essa pequena observação.

Depois de apresentar um breve histórico dos museus de ciências, contamos a história do Museu Catavento, como foi originado, as inspirações que o mesmo buscou realizando visitas técnicas em museus já em desenvolvimento como: Papalote no México, Exploracione de São Francisco, Museum of Science of Boston, entre outros. Neste momento foi preciso ouvir muitas fontes, foi uma espécie de quebra cabeças, já que nunca tinham relatado o processo histórico institucional de forma detalhada. Nesta ocasião já tínhamos a compreensão dos obstáculos enfrentados durante toda sua gestão, passando por grandes cortes financeiros.

O Catavento, ao longo dos anos, com grandes cortes de recursos, desempenhou um grande esforço para buscar novas frentes que pudessem ajudar, se preocupando sempre em manter sua qualidade. Esse reconhecimento pode ser percebido pelo crescente número de visitação, apesar dos grandes cortes financeiros e conseqüentemente do corte no quadro de funcionários.

O último passo e mais complexo de todo percurso, foi o detalhamento dos programas, nos exigiu cautela para compreender as limitações que cada um carrega e saber o potencial que cada um trás. Neste momento foi nítida a complexidade do Programa Educativo, no qual apresenta dois núcleos em um mesmo programa conhecidos como: educativo e visitação. Apesar de compartilharem de uma mesma missão, ambos carregam especificações diferentes do que são entendidas em outras instituições, como por exemplo: o educativo contém em torno de 130 monitores e uma hierarquia ainda mais diferenciada, no setor de visitação contém uma equipe focada em logística, com objetivo de organizar e orientar cada ação ligada às visitas do público no espaço, entre outros afazeres. Tais dados tornam-se ainda mais evidenciados pela sua diferenciação na sua forma de gestão.

Por fim, podemos compreender que apesar dos 10 anos já bem vividos pelo Museu Catavento, ele ainda só está começando, o potencial e a energia que é externada, expõe o quanto o Museu quer atingir as expectativas da sociedade, contribuindo com a ciência no meio cultural, de forma divertida e de qualidade, buscando proporcionar uma experiência única. Ser reconhecido como o Museu mais visitado do Estado de São Paulo, não é uma causa, mas sim consequência. A causa está na comunicação adotada, na vontade de fazer diferente e melhor, de forma sólida e consciente.

Até o momento não tivemos a resposta da avaliação do comitê para com o Plano Museológico, ainda está em processo de avaliação, sendo assim entendemos que ainda alguns ajustes deverão ser realizados.

